

DE VERBO: A GRAMÁTICA DE FLÁVIO CARÍSIO

Flávia Santos da Silva (UFU)
flaviasantosbr@hotmail.com

RESUMO

O *Grammatici Latini* é uma coleção de oito volumes de gramáticas latinas da Antiguidade. Foi editada pelo filólogo Heinrich Keil no século XIX e publicada pela Teubner. Seu primeiro volume é consagrado às *Ars Grammatica* de Flávio Sosipater Charisius e de Diomedes. Neste artigo, apresentamos um estudo dos capítulos referentes aos verbos na gramática de Flávio Sosipater Charisius. Lemos os itens VII e X do livro II, respectivamente: “de verbo” e “de declinationibus verborum”, com o objetivo de pensar a relação de tempo, modo e aspecto na organização dos verbos. Tomamos o sistema verbal latino formulado por João Bortolanza (2007) como modelo para propor maneiras de repensar o modo como Flávio Sosipater Charisius organiza os verbos.

Palavras-chave: Língua Latina. *Verba*. Obra de Carísio.

1. Introdução

Flávio Sosipater Carísio nasceu, provavelmente, na Campânia ou na África do Norte, em torno do séc. IV d.C¹. Escreveu a *Ars Grammatica*, que contém cinco livros: o livro I é, em geral, sobre as letras, os nomes e os casos; livro II, as partes do discurso; livro III, tipos de verbo: incoativo, frequentativo, defectivo; livro IV, as figuras de linguagem e a leitura; livro V, a escrita, o acento e a pronúncia.

Neste artigo, leremos os itens VIII a XII do livro II, respectivamente: “de verbo”, “*de ordinibus verborum*”, “*de declinationibus verborum*”, “*de coniugationibus*”, “de participio”, além de todo o livro III.

A definição de verbo que ele fornece é a seguinte: “O verbo é a parte da oração que significa a administração da coisa com tempo, pessoa e números e que carece de caso. Ocorrem, no verbo, a qualidade, o gênero, a figura, o número, o modo, o tempo, a pessoa e a conjugação”. (CARÍSIO *apud* KEIL, 1857, p. 164)².

¹BNF, 2016, não paginado. Disponível em:
<http://data.bnf.fr/13522040/flavius_sosipater_charisius/#other-ressources> Acesso em: 20-05-2016.

²“Verbum est pars orationis administrationem rei significans cum tempore et persona numerisque casus. Verbo accidunt qualitas genus figura numerus modus tempus persona coniugatio”.

Por “*administrationem rei significans*”, podemos compreender que o verbo, diferentemente do nome que significa a coisa corporal e incorporeal (cf. CARÍSIO *apud* KEIL, 1857, p. 152), significa a maneira como as coisas são manejadas, agenciadas, executadas, enfim, a ação ela mesma.

Assim, o verbo não possui caso porque não representa a coisa ela mesma, mas a ação executada ou sofrida pela coisa. Seus caracteres são oito: qualidade, gênero, figura, número, modo, tempo, pessoa e conjugação (cf. CARÍSIO *apud* KEIL, 1857, p. 164), sobre os quais dissertamos no próximo item.

2. A qualidade, o gênero, a figura e os modos verbais

A qualidade é a propriedade de ter certo número, modo, tempo e pessoa condição finita, como “*scribo*” e “*lego*”, ou nenhum desses – qualidade infinita, como “*legere*” e “*scribere*”. Sobre formas como “*legisse*” e “*scripsisse*” também são infinitas, embora Flávio Sosipater Carísio admita que “[...] *sed tempore solo finita sunt*” (CARÍSIO *apud* KEIL, 1857, p. 164), ou seja, são finitas apenas no tempo. Entretanto, sabemos que “*scribere*” e “*legere*” também possuem tempo, pois são formas do tempo presente, além de voz, que Flávio Sosipater Carísio não menciona.

O gênero é ativo, passivo, neutro, comum, depoente e impessoal. Pelo que o autor exemplifica, apesar de não explicar, podemos compreender que a diferença dos já conhecidos ativo e passivo com o neutro seria que esse não tem voz passiva, como “*sedeo*” e “*curro*”; com o gênero comum porque esse possui a forma ativa e a forma depoente, “*adulor*” e “*criminator*”.

O gênero impessoal se dá em formas como “*itur*”, “*videtur*”, “*pu-det*” e “*paenitet*”, cujo sujeito é apresentado em outro caso que não o nominativo, como o dativo em “*mihi videtur*” e o acusativo em “*me paenitet*”.

A figura é simples como “*scribo*” e composta como “*inscribo*”, por possuir um afixo. O número é singular, “*scribo*”, e plural, “*scribimus*”. As pessoas são três: a primeira, que é a que fala; a segunda, que é para quem se fala; e a terceira, que é sobre quem se fala. (Cf. CARÍSIO *apud* KEIL, 1857, p. 168)

As conjugações são quatro: a primeira, cuja segunda pessoa ter-

mina em “-as”; a segunda, cuja terminação da segunda pessoa é “-es”; a terceira, em “-is”; e a quarta, também em “-is”. (Cf. CARÍSIO *apud* KEIL, 1857, p. 168-169)

Os modos são sete: indicativo, imperativo, promissivo, optativo, conjuntivo, perpétuo e impessoal, sobre os quais o autor não exemplifica. Os tempos são presente: “*lego*”, pretérito: “*legi*” e futuro: “*legam*”. (Cf. CARÍSIO *apud* KEIL, 1857, p. 168)

Com essa descrição sobre os verbos, podemos notar que Flávio Sosipater Carísio nem ao menos menciona os aspectos “*infectum*” ou “*perfectum*” e que ele toma as formas como “*legi*” como sendo pretérito, embora a diferença entre “*lego*” e “*legi*” seja puramente aspectual.

Segundo João Bortolanza (2015, p. 71), a forma “*lego*” é zero no que se refere à marca de tempo. A partir dela, com o acréscimo de “-ba”, faz-se o pretérito imperfeito “*legebat*”, e com o acréscimo de “-e”, o futuro imperfeito “*leget*”. Dessa forma, podemos observar que “*lego*”, sendo um presente, serve de ponto de partida para a criação dos outros tempos.

Nesse sentido, “*legi*” também é um presente, mas um presente perfeito, tanto porque é zero na marca de tempo, quanto porque a partir dele também se pode fazer a flexão dos outros tempos: com o acréscimo de “-*ēra*”, tem-se o pretérito perfeito “*legērat*”, que os gramáticos convencionaram chamar de pretérito mais-que-perfeito, e com o acréscimo de “-*ērit*”, o futuro perfeito “*legērit*”.

Em outras palavras, Flávio Sosipater Carísio, embora ainda vivendo no período clássico, não logrou observar na língua latina o fato de que entre “*lego*” e “*legi*” não há diferença temporal, mas aspectual. As duas formas estão no presente, mas “*lego*” é um presente imperfeito e “*legi*”, um presente perfeito.

3. Os tempos verbais

Pelo que podemos observar pelo item anterior, já antes da derrocada do Império Romano, os falantes de latim, fossem eles romanos ou não, davam mais peso ao tempo que ao aspecto, o que faz com que isso não seja exclusividade dos falantes das línguas românicas, posteriormente.

A consequência disso é que gramáticos como Flávio Sosipater Carísio não se distanciaram dos lugares comuns sobre a língua, perpetuando, nas gramáticas, um conhecimento vulgar sobre o assunto. Nos itens IX e X, ele disserta minuciosamente sobre a conjugação e flexão dos verbos:

O verbo finitivo de primeira conjugação ativo [e passivo] nos tempos do presente de número singular é "amo", "amas", "amat" e, no plural, "amamus", "amatis", "amant"; nos tempos do pretérito imperfeito é "amabam", "amabas", "amabat"; do presente, "amavi"; do mais-que-perfeito, "amaveram"; do futuro, "amabo". Os imperativos do presente são "ama", "amet"; do futuro, "amato tu", "amato ille". Os optativos do presente e do pretérito imperfeito são como "amarem"; do perfeito, como "amaverim"; do mais-que-perfeito, como "amavissem"; do futuro, como "amem". Os subjuntivos do presente ocorrem com "amem"; do pretérito imperfeito, com "amarem"; do pretérito perfeito, com "amaverim"; do mais-que-perfeito, com "amavissem"; do futuro, com "amavero". (CARÍSIO *apud* KEIL, 1857, p. 169)³

Pela primeira vez, vemos as palavras "inperfectum" e "perfectum" aparecerem em sua gramática. Mas, engana-se o leitor se pensar que ele está se referindo aos aspectos verbais. A terminologia "praeteritum imperfectum" em relação ao isolado "perfectum" denota que esses termos estão sendo compreendidos apenas como tempos verbais.

Além de "inperfectum" revelar um uso decadente do latim, em contraposição com "infectum", ele mostra que Flávio Sosipater Carísio conseguia ver a noção de não perfectibilidade de uma ação apenas no tempo pretérito.

Além disso, a forma "amavi" é apenas chamada de "perfectum", como se houvesse um tempo de nome "perfeito". Vemos aqui, claramente, a indistinção entre tempo e aspecto.

E a tão utilizada nomenclatura, nos dias de hoje, "plusquamperfectum", dá indícios de que, de fato, a noção de aspecto perfeito foi relegada à de tempo perfeito, como se o perfeito pudesse ser mais perfeito do que ele mesmo. E, isso, em pleno séc. IV d.C.

³ "Verbum finitivum ordinis primi activum [et passivum] temporis instantis numeri singularis amo amas amat et pluraliter amamus amatis amant, praeteriti imperfecti amabam amabas amabat, perfecti amavi, plusquamperfecti amaveram, futuri amabo. Imperativa instantis ama amet, futuri amato tu amato ille. Optativa instantis et praeteriti imperfecti ut amarem, perfecti ut amaverim, plusquamperfecti ut amavissem, futuri ut amem. Subiunctiva instantis cum amem, praeteriti imperfecti cum amarem, praeteriti perfecti cum amaverim, plusquamperfecti cum amavissem, futuri cum amavero".

Por esse motivo, o futuro, na sua gramática, é apenas “*futurum*” e o presente apenas “*instans*”, como se esses tempos não tivessem aspecto. Tenhamos em mente que, embora o termo “aspecto” tenha sido criado apenas no século XIX, essa categoria verbal existe há muitos mais séculos antes disso.

Desta feita, não é anacronismo reivindicar seu tratamento em gramáticas como a de Flávio Sosipater Carísio, ainda que sob nome diferente. O problema que atestamos não é a falta do termo “aspecto”, mas a da noção de aspecto.

A consequência disso é que, inclusive, alguns modos e tempos acabam sendo ignorados. Por exemplo, “*amavěro*” é tido por ele como sendo o subjuntivo do futuro, como se não houvesse o modo indicativo (“*infinitivus*”) para o mesmo tempo, “*amavěro*”; ao contrário, “*amabo*” é o indicativo do futuro, e não se menciona seu modo subjuntivo, “*amabo*”.

Ao estudarmos a tabela de João Bortolanza (2007, p. 71), observamos que essas formas existem no latim, embora muitas vezes sejam ignoradas pelos gramáticos.

Ademais, o optativo e o subjuntivo são confundidos na descrição de Flávio Sosipater Carísio: formas como “*amarem*” e “*amavissem*”, optativas, são colocadas ao lado de “*amaverim*” e “*amem*”, subjuntivas; os tempos também são confundidos: “*amem*” não é optativo do futuro, mas subjuntivo do presente imperfeito. Enfim, tal como vemos nos dias de hoje, todo o sistema verbal é comprometido.

Sobre o particípio, esse gramático afirma que: “O particípio é a parte da oração com tempo, caso e sem pessoa, e que significa algo ativa ou passivamente, como ‘*limans*’ e ‘*legens*’”.⁴ (CARÍSIO *apud* KEIL, 1857, p. 178)

Apesar de admitir que o particípio tem apenas tempo, ele faz uma breve alusão ao aspecto dos tempos presente e pretérito: “Todos os particípios do tempo pretérito têm a significação da coisa acabada, como ‘*emptus*’ e ‘*captus*’, entretanto, [os particípios] do tempo presente têm a sig-

⁴ “Participium est pars orationis cum tempore et casu sine persona active vel passive aliquid significans, ut *limans legens*”.

nificação da coisa inacabada, como ‘*lucens*’ e ‘*tepens*’”.⁵ (CARÍSIO, *apud* KEIL, 1857, p. 178)

Como dissemos, isso é apenas uma alusão ao aspecto. Ele não desenvolve a ideia nem suas consequências. Além do mais, nem ao menos considera que o participio futuro também tem aspecto. E é interessante notar que a voz também é olvidada.

Ainda assim, as gramáticas atuais da língua portuguesa se mostram como um retrocesso, posto que nem ao menos concebem que os participios possuem tempo.

4. As conjugações e tipos de verbo

O livro III de *Ars Grammatica* trata, em sua maior parte, sobre verbos e aborda as seguintes questões: os perfeitos das quatro conjugações, os defectivos, os incoativos, os impessoais, os frequentativos, as paragoges, as confusões (“*confusis*”) e as qualidades da língua latina e os tempos.

Sobre o primeiro ponto, Flávio Sosipater Carísio apenas faz a flexão exaustiva dos verbos, sem trazer maiores informações sobre o aspecto perfeito, por exemplo:

Na segunda conjugação, há cinco formas. A primeira é a que se flexiona com a letra “i” sem o suporte de nenhuma consoante, como “*splendeo*”, “*splendes*”, “*splendui*” [...]. A segunda forma é aquela pela qual se alonga o perfeito por meio da primeira sílaba breve, como “*sedeo*”, “*sedes*”, “*sedi*” [...].⁶ (CARÍSIO *apud* KEIL, 1857, p. 244)

Sobre os defectivos e os incoativos, ocorre o mesmo: não há maiores explicações sobre o aspecto perfeito. É interessante notar, porém, que as gramáticas atuais tomam as noções envolvidas nos verbos defectivos e incoativos como sendo aspecto, o que rejeitamos. O aspecto é uma categoria binária: ou ela é perfeita ou imperfeita. O fato de ser incoativo seria uma modalidade do aspecto, assunto que desdobraremos em estu-

⁵ “Omnia participia praeteriti temporis perfectae rei habent significationem, ut emptus captus, praesentis interdum imperfectae rei habent significationem, ut *lucens tepens*”.

⁶ “In secundo ordine formae sunt quinque. Prima quae in i litteram cadit perfecto nulla littera consonante duce, velut *splendeo splendens splendui* [...]. Secunda forma est qua prima syllaba exorrepta producitur perfecto, velut *sedeo, sedes, sedi* [...]”.

dos posteriores.

Flávio Sosipater Carísio afirma que os incoativos “Não possuem pretérito perfeito, pois o que é começado não é perfeito”⁷ (CARÍSIO *apud* KEIL, 1857, p. 252). Ele menciona os verbos “[...] ‘horresco’, isto é, começo a me arrepiar, ‘torpesco’, começo a me entorpecer”⁸ (CARÍSIO *apud* KEIL, 1857, p. 252). Esses verbos não possuiriam um radical para o aspecto perfeito.

A questão é que ser incoativo não implica não ter o radical perfeito. E esse problema se mostra até mesmo nos dicionários. Em Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva (2006, p. 1210), “torpesco” é apresentado da seguinte maneira: “torpesco, -is, torpui, -escere”, em outras palavras, seu radical perfeito é “torpui”, ao passo que, na p. 559, temos “horresco, is, ere”, sem a forma para o perfeito. Isso significa que os problemas da gramática também se refletem nos dicionários, o que pede uma revisão.

Sobre os verbos defectivos, Flávio Sosipater Carísio defende que são verbos “[...] que são vertidos para o passivo perfeito a partir da forma ativa [...]”⁹ (CARÍSIO *apud* KEIL, 1857, p. 248). Dentre os verbos que cita, estão: “audeo”, “gaudeo” e “soleo”. Por exemplo, a forma perfeita de “audeo” é “ausus sum”, forma passiva, e, muito raramente, “ausi”.

Mas esses verbos defectivos são, na verdade, semidepoentes. Na sua afirmação de que eles se vertem diretamente da forma ativa para o passivo perfeito, vemos, novamente, a noção de perfeito englobar a de pretérito, embora “ausus sum” seja um presente perfeito.

Em relação aos verbos impessoais, Flávio Sosipater Carísio só repete a mesma nomenclatura, sem nenhuma informação nova acerca do aspecto: “Os impessoais não têm participio ativo nem passivo. Pois ‘pudens’ não é um participio, mas um nome, e a partir do qual se compõe ‘inpuđens’”¹⁰ (CARÍSIO *apud* KEIL, 1857, p. 255)

Esse dito de que os impessoais não podem ter participio ativo ou

⁷ “Nec habent praeteritum perfectum, quia quod inchoatum est non est perfectum”.

⁸ “[...] horresco, id est incipio horrere, torpesco, incipio torpere”.

⁹ “[...] quae ex forma agendi in passivum perfecto vertuntur [...]”.

¹⁰ “Impersonalia neque activum neque passivum participium habent. Nam pudens non est participium sed nomen, unde et inpuđens componitur”.

passivo é falso, posto que ele até mesmo traz um exemplo de Salústio: “Lépido que se arrepende do plano.”¹¹, em que o verbo impessoal “poenitet” é utilizado na forma do particípio presente ativo.

Os verbos frequentativos são aqueles que significam o que frequentemente está para ser (cf. CARÍSIO *apud* KEIL, 1857, p. 248). Pelos exemplos que elenca, a maioria deles possui acréscimo de infixo, por exemplo: “*dictito*” de “*dico*”, “*missito*” de “*mitto*”, “*scriptito*” de “*scribo*”.

Os autores que teorizam sobre aspecto, até hoje, reconhecem esse tipo de marca na língua como sendo uma espécie de aspecto, por exemplo, “saltitar” de “saltar” teria o aspecto iterativo pelo simples fato de possuir o infixo “-it-”, como em “dormitar”. Isso é questionável, posto que iteração não é aspecto, mas seria uma modalidade do aspecto.

As paragoges são os verbos que tomam sua flexão de uma forma verbal precedente: “Há alguns verbos chamados de paragoges, os quais tomam uma mudança ou uma letra adicional de uma forma primitiva, sem modificar seu significado [...]”¹² (CARÍSIO *apud* KEIL, 1857, p. 256). Por exemplo, “*capesso*” é a forma primitiva de “*capio*”.

No sétimo item, sobre as “confusões”, Flávio Sosipater Carísio alerta para alguns verbos que podem se mostrar problemáticos quando de sua conjugação, por exemplo, o verbo “*odi*” possui a mesma forma, segundo sua nomenclatura, para o presente e o perfeito, “*odi*”, e a mesma forma para o imperfeito e o mais-que-perfeito, “*oderam*”.

Mas, na verdade, trata-se não de confusões, mas de verbos perfectivos, uma vez que o radical perfeito é utilizado tanto para expressar o *infectedum* quanto o *perfectum*, o que pode causar equívocos quando de sua conjugação.

E, no item oito, Flávio Sosipater Carísio explana sobre as qualidades do discurso em latim, que são o finitivo (indicativo), optativo e subjuntivo, e sobre os tempos, que são o presente, o pretérito imperfeito, o perfeito, o mais-que-perfeito e o futuro, exatamente com essa nomenclatura, o que apenas ratifica o que vimos discutindo até então. (Cf. CA-

¹¹ “*Lepidum poenitentem consili*”.

¹² “*Sunt quaedam verba quae paragoga appellantur quaeque ex primitivi verbi declinatione et mutatione et adiectionem litterarum capiunt et nihilo minus idem significant [...]*”.

RÍSIO, *apud* KEIL, 1857, p. 263)

5. Considerações finais

Por conseguinte, ao estudarmos a *Ars Grammatica*, retiramos as seguintes conclusões. Em primeiro lugar, a noção de perfeito é confundida com a de pretérito. Em segundo lugar, a noção de imperfeito é vista como ocorrendo apenas no pretérito imperfeito.

Além do mais, o perfeito é visto como podendo ser mais que perfeito do que ele mesmo, no chamado “pretérito mais-que-perfeito”, o que abre a possibilidade, posteriormente, de se chamar de aspecto o que não é aspecto.

E tudo isso perdura no Ocidente há, pelo menos, mil e seiscentos anos, tempo de publicação da gramática de Flávio Sosipater Carísio. O problema é saber onde e quando começaram esses equívocos, e até quando permanecerão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Manuel Saraiva. Gramatologia grega: dois temas da história da linguística. *Humanitas*, Coimbra, vol. 31-32, p. 3-22, 1979. Disponível em:

http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas31-32/01_Barreto.pdf. Acesso em: 05-01-2017.

BASSETTO, Bruno. *Elementos de filologia românica*, vol. 1: história externa das línguas românicas. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

_____. *Elementos de filologia românica*, vol. 2: história interna das línguas românicas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

BORTOLANZA, João. Mattoso Câmara e o estudo de verbos. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, vol. 11, p. 70-78, 2007. Disponível em:

<https://docs.google.com/file/d/0B8i6qhYPgfrlTWR2eUk5cHp5WFk/vi>
[ew](https://docs.google.com/file/d/0B8i6qhYPgfrlTWR2eUk5cHp5WFk/vi)> Acesso em: 24-04-2015.

_____. As gramáticas e a tradição na terminologia verbal. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, vol. 14, p. 1807-1816, 2010. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/0B8i6qhYPgfrlVmdiVWVISGY4MGc/e>

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

dit>. Acesso em: 24-04-2015.

_____. Para ler textos latinos. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, n. 55, p. 110-118, 2013. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/rph/ANO19/55/ RF55.pdf>> Acesso em: 22-05-2015.

KEIL, Heinrich (Org.). *Grammatici latini*: Flavii Sosipatri Charisii artis grammaticae libri V, Diomedis artis grammaticae libri III, ex Charisii arte grammatica excerpta. Leipzig: Teubner, 1857, vol. 1. Disponível em: <<https://archive.org/details/grammaticilatini01keil>>

SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. *Dicionário latino-português*. Belo Horizonte, Garnier: 2006.